



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA**

DAYVISON BORLIN

**A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA E O FRACASSO ESCOLAR NA 5ª
SÉRIE DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

**FLORIANÓPOLIS
2009**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Antônio César Becker

FLORIANÓPOLIS
2009

Esta monografia foi julgada adequada como TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO no curso de Matemática – Habilitação Licenciatura, e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pela Portaria nº. 27/CCM/09

Florianópolis, de Julho de 2009.



Prof. Nereu Estanislau Burin
Professor da disciplina

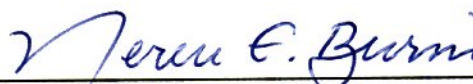
Banca Examinadora:



Prof. Antônio César Becker
Orientador – Departamento de Educação (CED)
UFSC



Prof. Félix Pedro Quispe Gómez
1º examinador – Departamento de Matemática (CFM)
UFSC



Prof. Nereu Estanislau Burin
2º examinador – Departamento de Matemática (CFM)
UFSC

Dedico este trabalho ao meu avô Genuino Borlin (em memória) que de alguma forma me ajudou e está muito feliz com minha conquista onde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

À minha família: minha mãe Léa, meu pai Sérgio e meu irmão Harley, por me apoiarem em todos os momentos e suportarem meus momentos de desânimo em diversas fases desta caminhada.

Ao professor Antônio César Becker, pela paciência e apoio no decorrer desta monografia. Além de orientador foi meu amigo, muito atencioso e compreensivo com as questões no decorrer do trabalho.

Ao professor Félix Pedro Quispe Gómez, que além de aceitar meu convite para participar da banca examinadora, foi um amigo durante muitas fases do curso em que cursei disciplinas lecionadas por ele, e serviu de exemplo de como devo seguir na carreira docente.

Ao professor Nereu Estanislau Burin, por aceitar o convite para participar da banca examinadora, mostrando-se interessado e atencioso.

A todas as pessoas da Escola José do Valle Pereira, que contribuíram para que este trabalho fosse realizado e foram muito receptivos em fornecer todos os dados da pesquisa.

A todos meus grandes amigos que fiz neste curso, que ajudaram e torceram por mim, e além dos estudos foram parceiros em qualquer momento. Enfim, amigos que guardo no coração por toda minha vida.

A todos que participam da comunidade universitária, que ajudam esta a crescer cada dia mais.

Sobretudo, agradeço a Deus que me deu condições de realizar este trabalho.

Obrigado!

**Se tudo passa, então a gente não percebe
que o tempo foi e a esperança ficou
contornando os sonhos**

RESUMO

Este trabalho visa analisar o fracasso escolar em matemática na 5ª série de uma escola da rede municipal de Florianópolis, no período de 1999 a 2008, sendo este feito a partir de um levantamento de dados dos últimos dez anos, em material cedido pela supervisão do estabelecimento. Preliminarmente, veremos estatisticamente no Brasil, a situação do fracasso escolar, atualmente, bem como suas concepções e evidentes causas. Serão analisados alguns aspectos como a média dos alunos, referente à disciplina de matemática, a idade de cada um, visando investigar a repetência e o atraso escolar. Faremos um estudo sobre de quem é a culpa ou responsabilidade desse fracasso e veremos como está a atual situação na escola analisada, e o que os alunos acham da disciplina de matemática na 5ª série, já que estão na fase de transição da 4ª para a 5ª série onde, no ano anterior, havia um professor lecionando todo o conteúdo curricular, e agora existe um professor para cada disciplina.

Palavras-chave: Fracasso Escolar, Matemática, repetência e atraso escolar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – O FRACASSO ESCOLAR.....	11
1.1 AS CONCEPÇÕES DO FRACASSO ESCOLAR.....	11
1.2 FRACASSO ESCOLAR: DE QUEM É A CULPA?.....	14
1.2.1 A CULPA É DA CRIANÇA?.....	14
1.2.2 A CULPA É DA FAMÍLIA?.....	15
1.2.3 A CULPA É DAS CONDIÇÕES SOCIAIS?.....	17
1.2.4 A CULPA É DO TRABALHO?.....	18
1.2.5 A CULPA É DO PROFESSOR?.....	19
1.2.6 AFINAL, DE QUEM É A CULPA?.....	21
1.3 EVIDENTES CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR.....	22
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DO FRACASSO ESCOLAR DA ESCOLA JOSÉ DO VALLE PEREIRA DE FLORIANÓPOLIS NO PERÍODO DE 1999 A 2008.....	28
2.1 PERFIL DA ESCOLA ESTUDADA.....	28
2.2 GRÁFICOS E ESTATÍSTICAS DAS 5ª SÉRIES ANALISADAS.....	29
2.2.1 MÉDIA DOS ALUNOS EM MATEMÁTICA.....	30
2.2.2 OS ALUNOS REPROVADOS.....	31

2.2.3	COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ALUNOS, OS REPROVADOS E/OU ABAIXO DA MÉDIA E OS APROVADOS.....	33
2.2.4	ATRASSO ESCOLAR.....	34
2.3	MOMENTO REFLEXÃO, SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NESTE CASO.....	36
	CAPÍTULO 3 – A OPINIÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE MATEMÁTICA NA 5ª SÉRIE.....	38
3.1	QUESTIONÁRIO APLICADO NA 5ª SÉRIE.....	38
3.2	ANÁLISE ESTATÍSTICA DO QUESTIONÁRIO.....	39
3.2.1	ANALISANDO A OPINIÃO DOS ALUNOS.....	41
3.2.2	ANÁLISE DO NÍVEL DE APRENDIZADO.....	42
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar aparece hoje entre os problemas mais estudados e discutidos de nosso sistema educacional. Por fracasso escolar entendemos o resultado negativo obtido pelos alunos na avaliação de seu desempenho escolar, que resulta no abandono ou na reprovação ao término do período letivo. É com base neste assunto que este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido, visando analisar de uma forma mais específica o caso do fracasso escolar em uma escola de Florianópolis. A polêmica que envolve esse tema, em muitas escolas onde o problema está se agravando, vem deixando os professores e alunos com divergências de comportamentos, cada qual definindo sua maneira de explicar o fracasso, causando prejuízos ao processo ensino aprendizagem, pois o professor apresenta o conteúdo e os alunos reagem de formas inesperadas, estabelecendo um clima educativo em que não se consegue despertar o interesse do aluno.

O interesse pela pesquisa nasceu em virtude de convivemos com a realidade escolar e verificarmos que tem aumentado o número de alunos que fracassam a cada ano nas escolas.

Como é muito difícil tratar de um assunto assim tão delicado e complexo, pois temos tantas informações a respeito que podem nos levar aos resultados como evasão e atraso escolar, neste trabalho analisaremos um dos casos em que alguns alunos fracassam, comparando com os que são aprovados, e veremos por que isso ocorre e de quem pode ser a culpa ou responsabilidade, caso isso fique evidenciado.

CAPÍTULO 1

O FRACASSO ESCOLAR

1.1 AS CONCEPÇÕES DO FRACASSO ESCOLAR

Algumas concepções do fracasso escolar nos ajudam a entender como este problema vem se agravando em nosso sistema de ensino, e é cada vez mais crítica a situação da educação em nosso país. Em virtude disso, veremos o pensamento de alguns autores sobre o fracasso escolar, de modo a esclarecer as causas e concepções no processo de ensino aprendizagem atual.

O aprender é um processo pessoal, que ocorre desde o nascimento, desenvolve-se gradualmente de acordo com o ritmo de cada um, observando as condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais favoráveis.

A aprendizagem que ocorre pelas relações estabelecidas com o mundo, é denominada “informal” e, de forma planejada previamente, “formal”.

Zanella (2001) esclarece que o ser humano aprende em qualquer etapa, situação ou momento de sua vida, modificando a si mesmo e ao mundo. As mudanças ocorrem em termos de valores, comportamentos e conhecimentos que propiciam o enfrentamento de situações novas e a busca de soluções criativas e inteligentes. Esclarece, ainda, que existem algumas condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais que favorecem ou inibem o processo de aprendizagem. Como condições que inibem, menciona doenças, estresse,

uso de substâncias químicas, funcionamento inadequado do sistema nervoso, desequilíbrio emocional, ambiente desestimulador e trabalho individual.

Conforme DORNELES (1990, p. 251), “à medida que começamos a estudar mais profundamente o fracasso escolar, percebemos que, no Brasil, esse problema adquire características de fenômeno de massa, ou seja, atinge a maior parte da população em idade escolar”.

Segundo WEISS (2000, p. 16), “os aspectos cognitivos estão ligados basicamente ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognoscitivas, ou seja, que tem a faculdade de conhecer, em seus diferentes domínios. Incluem-se nessa grande área aspectos ligados à memória, atenção, antecipação. O fracasso escolar está ligado ao aluno enquanto estudante, isto é, especificamente às condições internas de aprendizagem”.

A concepção inatista ou essencial, contém a idéia de que as formas de conhecimento estão predeterminadas no ser humano e o que o faz aprender é o exercício de uma razão já pré-existente. A inteligência é adquirida pelo ambiente externo natural e o fracasso escolar é concebido como dificuldades naturais dos estudantes.

Em relação à concepção interacionista, as condições para a aprendizagem são resultantes da interação do organismo com o meio, do ponto de vista biológico e do pensamento com o objeto que se refere ao cognitivo. Assim, a criança é construtora de suas estruturas cognitivas na interação com o objeto desconhecido, aprende reformulando hipóteses e o fracasso escolar é visto como consequência das diferenças culturais do aluno e da inadequação da proposta didática dos professores, que em geral pertence ao método tradicional.

Vasconcelos e Valsiner (1995) informam que a perspectiva sociointeracionista, ou sócio-construtivista, considera o aluno um ser social que constrói sua individualidade a partir das interações que estabelece na sociedade com a cultura. O fracasso é produzido na escola, pois nela predomina a introjeção de rótulos e estigmas que levam à perda da auto-estima da criança, legitimando e justificando a exclusão social.

“A influência da mídia aparece como um dos fatores que contribui para as dificuldades de aprendizagem, pois conforme LIBÂNEO (2000, p. 72), a televisão passa a ser um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização. Um dos aspectos negativos dessa influência é a tendência à passividade e à dependência das crianças prejudicando o desenvolvimento pleno de suas capacidades cognitivas e sócio-afetivas”.

De acordo com SCOZ (1994, p. 143), o contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança. Também torna possível orientar os pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos.

O fracasso se mascara na justificativa dada pelos pais que inserem precocemente os filhos no mundo dos negócios, desprezando o destino de empregado e concebendo os conhecimentos escolares como demasiadamente livrescos e abstratos. Para os jovens, o diploma tem um valor simbólico que traduz prestígio, respeitabilidade, legitimidade cultural, círculo de amizades, influências e alianças matrimoniais. Assim, pais e filhos vivem numa contradição interna entre descrença e o reconhecimento do seu valor simbólico (NOGUEIRA, 2003).

Os professores têm os métodos deles e as crianças têm que se adequar àqueles métodos, não eles procurarem se adequar à realidade do aluno, à vivência da criança, aos potenciais que ela tem. A criança tem que se moldar ao método de trabalho deles, com isso elas acabam se saindo mal.

Em resumo, é improcedente dizer que temos apenas um problema que causa o tal fracasso escolar, pois como vimos na opinião dos autores, são por diversos fatores que o aluno sente dificuldade em aprender e despertar o seu interesse.

1.2 FRACASSO ESCOLAR: DE QUEM É A CULPA?

Neste tópico, analisaremos o que muitos autores vêm debatendo sobre a situação do fracasso escolar, que trata de quem será a culpa de o aluno fracassar, onde as opiniões são distintas e muitas vezes polêmicas, nos mostrando a complexidade e as diversas formas que podemos perceber o fracasso escolar. Já que atualmente o problema é cada vez mais evidente, especialistas e pesquisadores em educação desenvolvem uma discussão que comprova a complexidade do assunto, como veremos a seguir.

1.2.1 A CULPA É DA CRIANÇA?

Na maneira de ver o problema do fracasso escolar, para muitos a culpabilidade desse fracasso está na criança que não percebe os sacrifícios que seus pais tem feito para que ela estude e, acaba não dando valor e não se animando para realizar as tarefas escolares. Então considera-se o mais

simples, quando nos deparamos com essa tamanha dificuldade, colocar a culpa na própria vítima.

Os professores habituem-se a ver o fracasso escolar como um fator de procedência psicológica como decorrência dos problemas particulares com os quais a criança está lidando. Para estes, a criança não consegue aprender porque é afetivamente desajustada, tem problemas emocionais complicados, está sempre distraída, sem memória, não consegue se concentrar, não entende nada que o professor explica, é preguiçosa e insurgente. Ou seja, a culpa é da criança que não aproveita as oportunidades que lhe estão sendo oferecidas. Para muitos alunos a escola não é um lugar onde eles se sentem à vontade. A escola não tem nada a ver com seu cotidiano, dentro dela não há lugar para seus problemas e suas preocupações. Nada que os alunos carregam como experiência própria é levado em consideração, pois os professores corrigem sua maneira de falar, seus modos de agir, seu jeito de se vestir, e às vezes comentam que eles são incapazes de aprender e que não adianta perder tempo porque de qualquer jeito eles vão ser reprovados. Isso tudo é assimilado pelo aluno, que entra em conflito com sua personalidade e aceita ser o responsável da situação do próprio fracasso escolar.

1.2.2 A CULPA É DA FAMÍLIA?

Analisando o que foi dito anteriormente em relação à culpa ser da própria criança por apresentar tantas complicações psicológicas, então, quem, ou o que será a causa de tantos distúrbios?

Como no mundo de hoje, a realidade do convívio em família não é das melhores, isto acaba dando uma nova interpretação sobre o elemento que proporcionaria esse fracasso escolar dos alunos: a própria família. Será que os pais desse aluno têm tempo para ele? Dedicam-se em ler bilhetes e recados enviados pela direção, coordenação e professores? Em ajudar nas tarefas, olhar os cadernos do filho, olhar datas de provas, fazendo um acompanhamento diário da situação da criança na escola? Será que esses pais vão à escola pelo menos uma vez por bimestre para verificar as notas do filho e tentar ajudá-lo a superar as dificuldades com algumas matérias?

A criança apresenta, muitas vezes, um sintoma que pode aparecer no corpo, na cognição, no afeto ou no organismo. É importante salientar que o sintoma aponta para algo escondido, pois o que gera o sintoma é um conflito que se esconde por detrás dele.

Tendo como exemplo uma situação familiar que pode acontecer, vamos imaginar o pai da criança chegando em casa cansado, ou até mesmo em muitos casos bêbado, a mãe no trabalho do lar tendo que dar conta dos filhos que estão fazendo algazarra, ou ainda brigando com o marido que chegou em casa tarde por causa da bebedeira, o cachorro e o gato se enfrentando, a televisão ligada, discussões e as tarefas para fazer. Percebemos então situações que somadas formam um turbilhão de problemas na cabecinha de apenas uma criança. Realmente, nesta situação temos pouco a pouco um quase que “notável” fracasso escolar, pois uma família com tantos problemas dignos de especial atenção, não permite ajuda em favor do desenvolvimento da criança. Claro que não generalizando, pois existem famílias que não são assim, porém isto mostra que atrapalha no desenvolvimento escolar da criança.

Os pais ao perceberem que a aprendizagem dos filhos não corresponde àquilo que deveriam ter aprendido, ao conhecimento que deveria ter adquirido/construído ao longo da permanência na escola, acabam concordando com os professores e direção de que o problema é resultante da “tal Progressão Continuada”, que *“vai passando o aluno sem ele saber nada”*. Diante de tal constatação concordam com a “repetência” de seus filhos sem perceber que estão mais uma vez tomando para si e seus filhos problemas decorrentes da qualidade da escola pública.

1.2.3 A CULPA É DAS CONDIÇÕES SOCIAIS?

Principalmente no ensino público, como colégios municipais e estaduais, as famílias estão inseridas dentro da significativa parcela da população brasileira que é sujeitada à precariedade de condições financeiras, destituídas dos direitos básicos, submetidas às péssimas condições de trabalho ou ao desemprego. As crianças acabam sendo levadas a caminhos sinuosos por causa da violência nas ruas que é também um caso agravante na sociedade, e a família fica sem possibilidades, de mãos atadas, sem ter muito que fazer para manter seus filhos na escola sem problema algum. Portanto, nessas condições de moradia, saneamento, acesso à saúde e seus benefícios, segurança e estrutura familiar são fatores que influenciam para que essas crianças se sintam desmotivadas a estudar. Enfim as que persistem, fracassam, enquanto outras desistem, causando a evasão escolar. Dessa maneira, as condições sociais influenciam profundamente no processo de fracasso escolar.

1.2.4 A CULPA É DO TRABALHO?

Muitas crianças em idade escolar obrigatória, até 14 anos, precisam trabalhar até para ajudar em casa no sustento da família, devido a essa condição de baixa renda em que vive a maioria dos brasileiros. Tentando conciliar estudos e trabalho para que não fique perdendo seus anos escolares, a criança acaba prejudicando seu rendimento escolar, pois como todos sabem, é complicado trabalhar e estudar, ainda mais quando este sujeito é uma criança. E com isso o aluno caminha de reprovação em reprovação até desistir de tentar. Logo ele pensa que sem a qualificação que os estudos lhe proporcionam, pode acabar perdendo o trabalho que faz. Mas, como conseguir outro melhor, mais bem remunerado, já que não possui escolaridade pra isso?

Para Carraher, Schliemann, (1993, p.25), os pais “[...] não podem permitir aos seus filhos o luxo de uma educação prolongada diante de sua necessidade de empregá-los precocemente para contribuir para o sustento da casa.”

Para adquirir seu sustento, a família tem a necessidade do trabalho. As crianças se dedicam a ele de tal maneira que quando precisam ir para a escola não possuem força nem ânimo para desenvolver alguma atividade de forma que o fracasso é coisa certa.

[...] na verdade, a escola, é feita para aqueles que não precisam trabalhar, ela faz de conta que ninguém trabalha e coloca as exigências que os que trabalham não tem tempo nem condições de cumprir. Com o tempo as reprovações e repetências vão se acumulando até que as crianças e os próprios pais desistem. (CECCON, OLIVEIRA e OLIVEIRA 1984, p.29)

1.2.5 A CULPA É DO PROFESSOR?

Muitos pais jogam a responsabilidade dos resultados positivos e negativos dos alunos para o professor. Acreditam que se houvesse um pouco mais de dedicação por parte do corpo docente, seria capaz de acontecer milagres com as crianças; do contrário, é porque os professores não se dedicaram o bastante para despertar o interesse e a capacidade cognitiva do aluno, o que possibilitaria uma motivação.

Alguns professores não aceitam nada do que o aluno traz de casa: seus conhecimentos, suas atividades, enfim, suas experiências fora de sala de aula. Sendo assim a criança se sente desvalorizada, pois, tudo que ela sabe torna-se insignificante: não vale absolutamente nada. Por meio de seus padrões o professor, então, fará um longo e doloroso processo de esvaziamento desse aluno de maneira que possa imprimir nele os conceitos que a norma culta estabelece. Assim esse aluno fica ainda mais confuso do que já estava, pois, as vivências que tinha, agora, de nada valem.

A criança pobre tem, então, muito poucas ocasiões de acertar, de responder certa uma pergunta, de fazer bem um exame, porque o que ela sabe não é levado em conta e o que ela tem que aprender não tem nada que ver com sua experiência de vida fora da escola. (CECCON, OLIVEIRA e OLIVEIRA 1984, p.64)

Desde cedo, as crianças que moram na periferia, ou em zonas rurais, aprendem a ter autonomia: ajudam em casa, cuidam de si mesmas, inventam seus brinquedos, aprendem a sobreviver na rua e começam a fazer pequenos serviços para ganhar a vida. E dentro da escola, no entanto, tudo acaba mudando. Essas mesmas crianças que aprenderam a encontrar soluções

sozinhas, que aprenderam observando e fazendo, que em casa e na rua são espertas e faladoras, na escola não entendem nada o que o professor quer dizer com aqueles conteúdos que muitas vezes não tem relação com o seu dia a dia, e se sentem incapazes de aprender, por isso se fecham em si mesmas, se tornando caladas, infelizes e passivas.

Os professores apresentam uma visão crítica das mudanças ocorridas no sistema educacional, mas esta parece referir-se muito mais a uma perda de controle e de poder do que realmente uma preocupação com a melhoria da qualidade do ensino, pois ao defenderem a reprovação ou a permanência do aluno no período anterior desejam um retorno a uma série de coisas, que sabemos não é a solução. Não se trata de culpar os professores pelos problemas advindos dessa política, mas como responsáveis diretos pela aprendizagem das crianças-alunos é necessário que se dêem conta de que são as pessoas mais aptas a buscarem soluções para o problema.

Assim que entra na escola, a criança que está habituada a dialogar com seus pais em casa e com os amigos na rua, tem que aprender uma linguagem diferente da que está acostumada. A língua da escola é uma língua bem falada, sem erros de pronúncia ou de concordância, porém o acesso da classe baixa é mais restrito aos livros e aos textos bem escritos. Como resultado, aos poucos muitas crianças sentem-se incapazes de se comunicar, com vergonha de serem recriminadas ou corrigidas, e vão ficando no seu canto com medo de perguntar e responder.

1.2.6 AFINAL, DE QUEM É A CULPA?

Podemos observar, analisando os agentes educacionais envolvidos, que todos possuem uma parcela de responsabilidade ou culpa. Claro que existem outros fatores que influenciam esse fracasso, porém como já sabemos o resultado, reprovação e evasão, e percebemos que é inconseqüente dizer que existe apenas um culpado, isso já nos mostra o suficiente para entendermos o assunto. Pois esses agentes são responsáveis pela maior parte do cotidiano em que o aluno está inserido.

Obviamente a culpa não é específica de um desses fatores aqui citados, e sim desse grupo de elementos associados que coletivamente influenciam a “vítima”, neste caso o aluno, de maneira que sem saber como agir acaba fracassando na escola.

No entanto, observamos que não existe um único “culpado” pelo fracasso escolar. Muitas vezes a escola estabelece o problema do fracasso no indivíduo, considerando-o como portador de algum tipo de “irregularidade” ou “anomalia”. Assim, o fato de a criança não obter êxito é atribuído à fraqueza das capacidades intelectuais, à cultura desviante e a outras categorias como: as dislexias (dificuldades de leitura), as disortografias (dificuldades em ortografia) e as discalculias (dificuldade em cálculos) que servem como rótulos.

Estes problemas levam aqueles que fracassam a tratamentos diversos em instituições especializadas e a classes especiais. Em face da criança que fracassa muitas vezes, a escola e os profissionais da educação não levantam dificuldades como a estrutura da escola, a estrutura social e o desajuste dessa estrutura à situação real de vida da criança. Podem então surgir os motivos do

fracasso escolar: uma não-aproximação e conhecimento do aluno e de suas necessidades. Sobretudo se a realidade destes alunos for diferente da realidade do educador.

Conseqüentemente, buscar soluções para o fracasso escolar não consiste em atribuir patologias ao aluno, mas em ampliar este foco, abrindo espaço para outras modificações que também influenciam no processo da aprendizagem como a instituição, a metodologia de ensino, as relações professor/aluno, os aspectos sócio-culturais, a história de vida do sujeito, entre outras. Significa que um conjunto de fatores modificados na educação, na sociedade e até mesmo no aluno ajudaria a solucionar o problema de maneira que o fracasso escolar possa ser abolido.

1.3 EVIDENTES CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR

Um dos problemas educacionais que a realidade brasileira vem convivendo há muitos anos é sem sombra de dúvidas o fracasso escolar. Tal ocorrência pode ser comprovada em todos os níveis de ensino, mesmo tendo maior índice de freqüência nos primeiros anos de escolarização, ou seja, no ensino fundamental, onde é um fato muito importante, pois é no ensino fundamental que o aluno adquire a base para prosseguir no seu processo de aprendizagem.

Dentre os numerosos fatores correlacionados com o fracasso escolar, surgem tanto os de fora como de dentro da escola. Fora do ambiente escolar relacionamos às más condições de vida e de subsistência de grande parte da população brasileira no que concerne a escolaridade, tais como as péssimas

condições econômicas, responsáveis, dentre outros fatores pela fome e desnutrição, a falta de moradias adequadas e de saneamento básico, enfim, todo o conjunto de escassez com o qual convivem as classes sociais menos favorecidas. Já os fatores da própria escola se relacionam ao currículo, aos programas, o trabalho desenvolvido pelo professor e pelos especialistas, as avaliações de desempenho dos alunos, e outros. Tudo isso coopera para o fracasso escolar das crianças de origem social e econômica desfavorecidas, ainda que grande parte desse fracasso se deva sem dúvida à pobreza material, da qual essas crianças são vítimas.

“Se o educador ensina ou o psicopedagogo atende a um paciente que, por fim, consegue fazer bem as contas, mas quando o consegue mostra a mesma cara de quando as faz mal, não se avançou nada; ao contrário, corremos o perigo de ter retrocedido, ao sobrecarregar a criança com mais uma submissão”
(FERNÁNDEZ, 1991, p.59).

Expressões como “igualdade de oportunidades educacionais” e “educação como direito de todos”, tornaram-se discursos vazios da verdade, pois essas condições escolares contribuem para reproduzir a desigualdade social por meio de um duplo mecanismo. Segundo Mello (1983, p.14) “o primeiro é a exclusão dos mais pobres, e o segundo a autenticidade dessa exclusão na medida em que o parecer apenas técnico do modo de agir da escola dissimula seu sentido político”. Enquanto se fala da democracia do ensino, muitas crianças fracassam escolarmente por falta de igualdade reproduzida pelos supostos fatores acima citados.

Na verdade, o discurso oficial pela democratização da escola, seja na direção quantitativa ou qualitativa, procura responder à demanda popular por educação, por acesso à instrução e ao saber. Sabemos que a escola pública é

uma progressiva e lenta conquista das camadas populares em sua luta pela democratização do saber, por meio da democratização da escola.

O que realmente se vê é que não há escolas para todos. Em muitos estados brasileiros, um percentual significativo da população entre 7 e 14 anos estão fora da escola.

Entretanto, essa escola para o povo, é ainda, extremamente insatisfatória, do ponto de vista quantitativo e, sobretudo, qualitativo. Não só estamos longe de ter escolas para todos, como também a escola que temos é *contra* o povo que *para* o povo: o fracasso escolar dos alunos pertencentes às camadas populares, comprovado pelos altos índices de repetência e evasão, mostra que, se vem ocorrendo uma progressiva democratização *do acesso à escola*, não tem igualmente ocorrido a democratização *da escola*. Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas sobretudo, de legitimá-las. (SOARES, 1986, p. 5-6)

O afunilamento da pirâmide educacional brasileira vai sendo construído pela repetência e a evasão escolar. Essa construção se dá por meio da rejeição das camadas populares de lado a lado com a escola e isso vem freqüentemente apresentado em pesquisas que mostram as relações entre ascendência social e fracasso escolar.

A escola não tem nada a ver com o cotidiano do aluno, por isso para muitos ela não é um lugar onde eles se sentem à vontade. Dentro dela não há lugar para seus problemas e suas preocupações. Tudo aquilo que eles sabem de experiência própria não é levado em conta, pois a professora corrige sua maneira de falar, seus modos, sua maneira de vestir, e às vezes dizem que eles são incapazes de aprender e que não adianta perder tempo porque de qualquer jeito eles serão reprovados.

Então, aos poucos, eles vão perdendo a motivação para continuar se esforçando, vão se sentindo realmente impossibilitados de aprender e vão aceitando um fracasso que será marcante durante suas vidas.

Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucesso, trata uns melhor do que os outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada. (CECCON, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1984, p. 23)

De fato, muitas crianças que freqüentam a primeira série são reprovadas no final do ano escolar. As reprovações e repetências continuam nas séries seguintes, só diminuindo nos últimos anos de escolaridade.

Sempre que a escola falha na assistência e na formação do aluno quebra-se um elo no ritmo natural de um desenvolvimento potencial de conquistas, estabelecendo-se a desordem. Desordem que pode levar a vida do aluno ao caos e que se reflete na desestruturação da sociedade. Sempre que a escola desvirtua seu papel primordial, desencadeia-se um mecanismo automático de ressonância, que passa a repercutir na ordem social de uma cidade, de um país, do mundo.

As queixas mais freqüentes dos professores são de que o aluno não tem limite, não tem disciplina, não quer estudar e enfim, o discurso freqüente de 'se' a família ajudasse, 'se' tivesse a avó presente e etc. O 'se' sempre impondo o mesmo movimento de culpa e de responsabilidade no outro e não implicando ao que eles, educadores, estão ensinando a uma criança sem pais presentes. Uma das respostas mais ouvidas pelos professores quando a pergunta sobre a escolha dos assuntos dados em sala de aula é "parto dos interesses e necessidades dos meus alunos".

Soares (1986) aponta três explicações para definir a causa do fracasso escolar: a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e a ideologia das diferenças culturais.

Para a ideologia do dom, as causas do sucesso ou do fracasso na escola devem ser buscadas nas características dos indivíduos: a escola oferece “igualdade” de oportunidades e o bom aproveitamento dessas oportunidades dependerá do dom-aptidão, inteligência, talento de cada um. Dessa forma não seria a escola a responsável pelo fracasso do aluno, a causa estaria na ausência de condições básicas, neste, para a aprendizagem. Nessa ideologia, o fracasso do aluno explicar-se-ia por sua incapacidade de adaptar-se e de ajustar-se ao que lhe é oferecido. Dessa forma surge o questionamento: Porque o fracasso escolar está concentrado nos alunos provenientes das camadas populares, menos favorecidos? A busca dessa resposta fez surgir a ideologia da deficiência cultural.

A ideologia da deficiência cultural via com normalidade que os alunos provenientes das camadas populares, ou classes dominadas tivessem maior probabilidade de fracasso na escola, pois, pertenciam a essas classes justamente por serem menos dotados, menos aptos, menos inteligentes, se não o fossem, provavelmente não fracassariam. Dessa maneira, as desigualdades sociais é que seriam responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos. As condições de vida da classe dominada e as formas de socialização dessas crianças é que seriam as responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Os alunos das classes dominadas apresentam desvantagens ou déficits, resultantes dos problemas de deficiência cultural. Como conseqüência a

criança proveniente desse meio apresentaria deficiências cognitivas, afetivas e lingüísticas, responsáveis por sua incapacidade de aprender e por seu fracasso escolar. Mas, de acordo com Soares (1986, p. 12):

Do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas, as noções de “deficiência cultural”, “carência cultural”, “privação cultural”, são inaceitáveis: não há culturas superiores e inferiores, mais complexas e menos complexas, ricas e pobres; há culturas diferentes, e qualquer comparação que pretenda atribuir valor positivo ou negativo a essas diferenças é cientificamente errônea.

Dessa maneira surge a ideologia das diferenças culturais com outra explicação para o fracasso na escola, dos alunos pertencentes às camadas populares. Para essa ideologia o termo deficiência, privação e carência remetem ao sentido de falha, falta, ausência, e quando o assunto se remete à cultura, o que se deve reconhecer é que há uma diversidade de culturas, diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes e complexas.

O aluno sofre um processo de marginalização cultural, não por deficiências intelectuais ou culturais, como sugerem a ideologia do dom e a ideologia da deficiência cultural, mas porque é diferente, como afirma a ideologia das diferenças culturais.

Portanto, a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares neste caso, cabe à escola, ou melhor, aos professores, que tratam de forma discriminada a diversidade cultural transformando diferenças em deficiências.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DO FRACASSO ESCOLAR DA ESCOLA JOSÉ DO VALLE PEREIRA DE FLORIANÓPOLIS NO PERÍODO DE 1999 A 2008

2.1 PERFIL DA ESCOLA ESTUDADA

A instituição que foi analisada é a Escola Básica Municipal José do Valle Pereira, situada em Florianópolis no bairro João Paulo. É uma escola municipal, possuindo apenas o Ensino Fundamental, para atendimento a alunos na faixa etária de 6 aos 14 anos. O interesse para estudar o Fracasso Escolar foi motivado pela observação da presença elevada de alunos com idade entre 15 a 18 anos nas séries finais do Ensino Fundamental, quando já deveriam ter concluído esse ensino e estar cursando o Ensino Médio.

Observações realizadas junto à comunidade escolar propriamente dita: aluno, professor e administração, indicam que a comunidade local é de classe social média e baixa, com muitos pais enfrentando problemas com a desigualdade social; trata-se de uma comunidade carente, com inúmeras dificuldades, do tipo que foram explicitadas no capítulo anterior, relacionando a família à aprendizagem da criança. Existem famílias desestruturadas, tanto financeiramente como afetivamente, o que deixa os alunos muitas vezes desmotivados e sem estímulo para aprender.

Um aspecto positivo da escola é o fato de ter uma excelente administração, onde a diretora, supervisora e a maioria dos funcionários administrativos são da própria comunidade, o que ajuda bastante nos momentos de chamar a atenção dos pais, que em muitos casos são conhecidos.

O corpo docente é composto, na sua maioria, por professores muito experientes, que lecionam há mais de 20 anos no município, sendo estes experientes e tradicionais.

Sobre o aspecto estrutural, a escola conta com sala de informática, sala de vídeo, sala de artes, 11 salas de aula, palco para apresentações como gincana e festas em geral, biblioteca, laboratório de ciências e quadra de esportes.

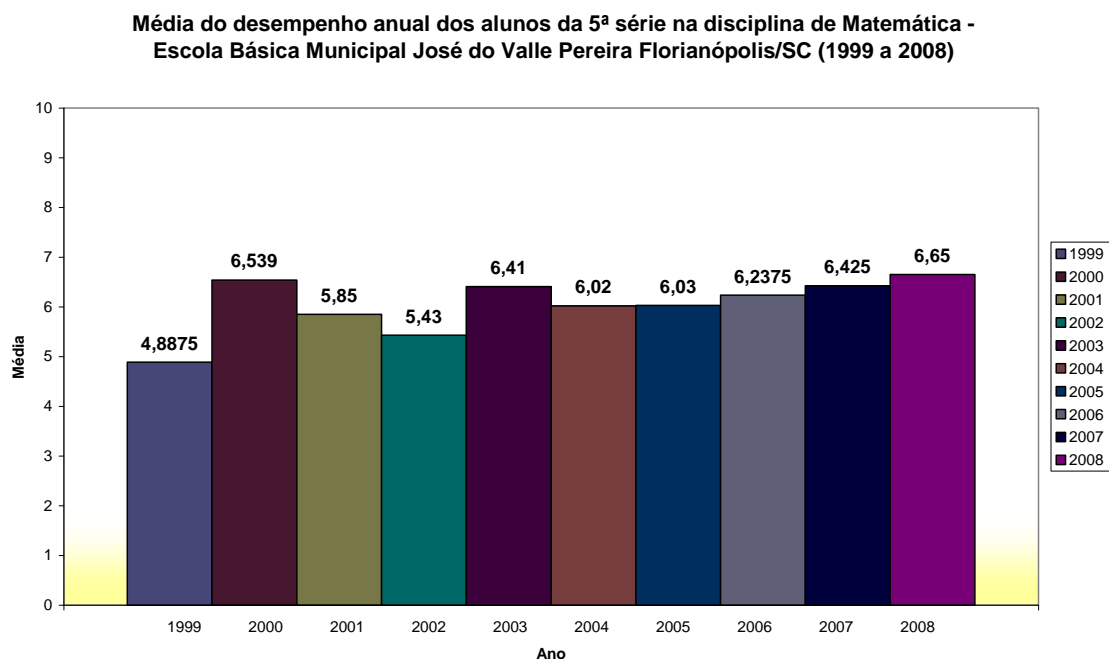
Como próximo ao bairro João Paulo existem os bairros Monte Verde e Saco Grande, a maioria das crianças é oriunda dessas localidades. O transporte que os alunos utilizam com frequência é o ônibus, ou muitas vezes se deslocam a pé, pois muitos alunos moram nas proximidades da escola.

2.2 ESTATÍSTICAS DO FRACASSO ESCOLAR NA 5ª SÉRIE DA ESCOLA ANALISADA

De acordo com os tópicos seguintes, a partir do levantamento abrangendo o período de dez anos da situação dos alunos na 5ª série em matemática, veremos algumas estatísticas que nos revelarão informações sobre o fracasso escolar, incluindo consequências como repetência e atraso escolar.

2.2.1 MÉDIA DOS ALUNOS EM MATEMÁTICA

Temos no gráfico a seguir um levantamento de 1999 a 2008 sobre a média do desempenho anual dos alunos na disciplina de matemática.



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

Como podemos perceber no gráfico acima, a média do desempenho anual dos alunos da 5ª série na disciplina de matemática indica um rendimento fraco. Nessa escola, para atingir a aprovação em uma disciplina é necessário que o aluno atinja a média seis. Notamos então que a média mais alta foi no ano de 2008, onde os alunos obtiveram 6,65, o que pode ser considerado fraco, mostrando que em geral os alunos conseguem no máximo um pouco mais que o mínimo, pois não encontramos uma média anual acima de 7,0, o que poderia demonstrar um bom nível de aprendizagem da turma.

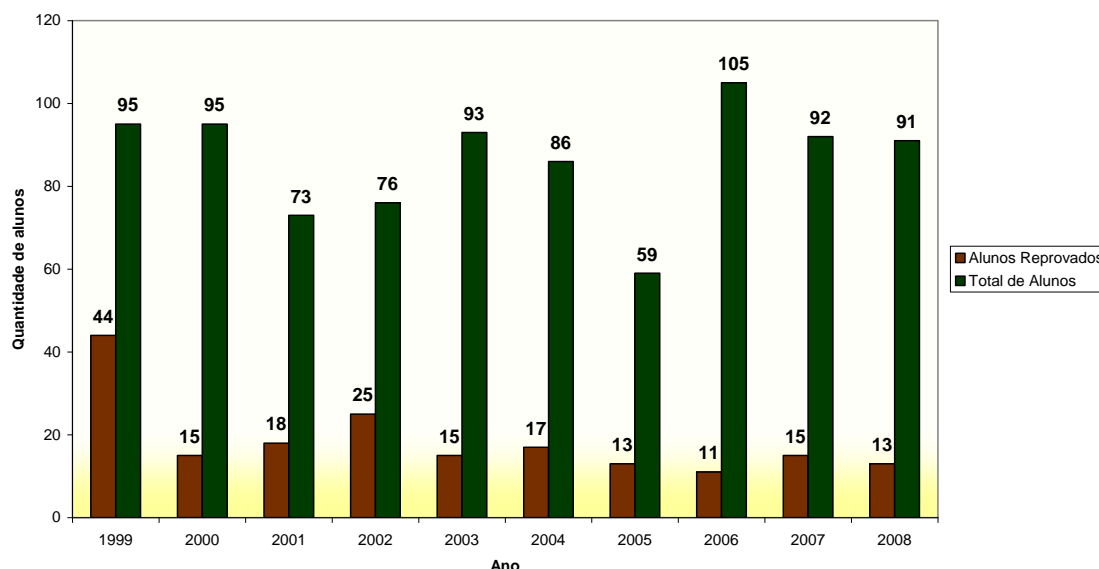
Podemos notar também que em sete anos a média dos alunos foi entre 6,02 e 6,65. E em três anos alcançaram médias entre 4,88 e 5,85, sendo 1999 o ano em que o fracasso escolar ficou mais evidente, obtendo a média mais baixa.

De acordo com o material cedido pela direção do colégio, este valor discrepante do ano de 1999 foi obtido através da média de quatro turmas analisadas que eram as únicas 5ª séries da escola, onde num total de 95 alunos, 44 reprovaram em matemática, ou seja, 46,31% não conseguiram passar de ano. E no ano de 2008 que os alunos conseguiram a melhor média, havia apenas três 5ª séries, onde num total de 91 alunos, 13 reprovaram; ainda assim, 14,28% não obtiveram êxito. E a média em relação aos dez anos analisados foi 6,04.

2.2.2 OS ALUNOS REPROVADOS

No gráfico seguinte, veremos a relação entre o total de alunos na 5ª série e os que reprovaram, para então fazermos uma comparação mais detalhada.

Relação entre o total de alunos na 5ª série e os reprovados - Escola Básica Municipal José do Valle Pereira Florianópolis/SC (1999 a 2008)



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

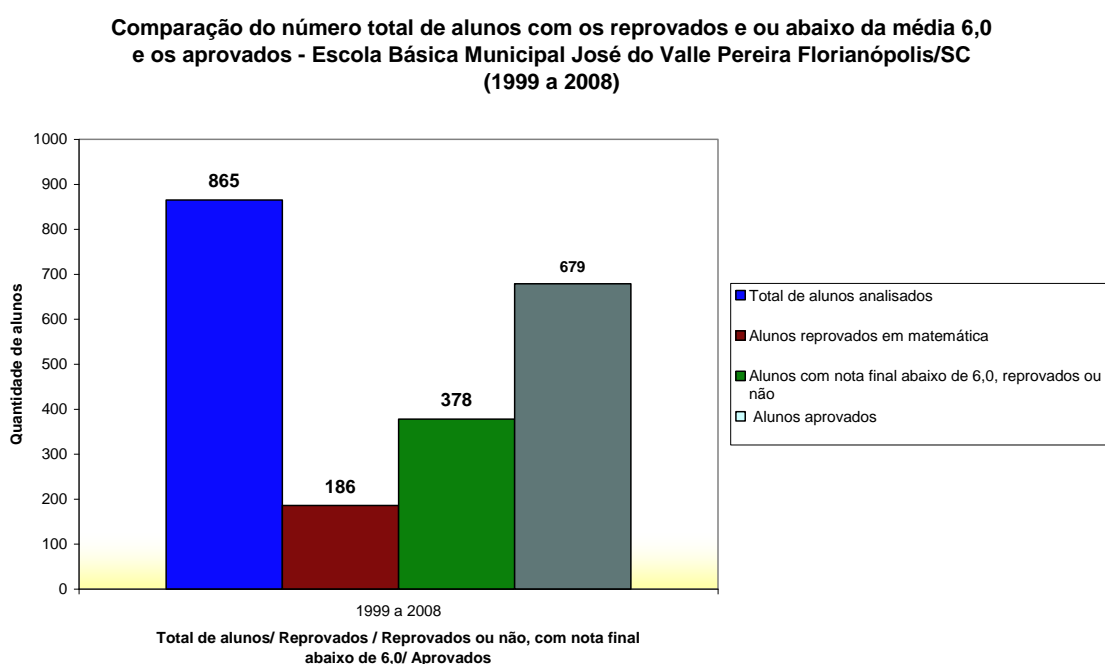
Neste gráfico podemos perceber que o maior número de alunos que a escola teve na 5ª série de 1999 a 2008, foi no ano de 2006; porém, apesar da média não ter sido melhor que em 2008, de acordo com o primeiro gráfico, nos dez anos foi o que mais aprovou, pois apenas 11 alunos reprovaram em matemática, então 89,52% alcançaram a aprovação.

O caso mais crítico continua sendo no ano de 1999, onde cursaram 95 alunos e reprovaram 47, ou seja, 49,47% tiveram que repetir o ano por causa de matemática, o que é um dado muito grave para o ensino, pois acaba sobrecarregando as turmas do ano seguinte com alunos repetentes. Em segundo lugar, no ano de 2002, de 76 alunos, 25 reprovaram, o que representa 32,89% do total de alunos que concluíram o ano.

Nos anos analisados no gráfico, temos que a média dos reprovados é aproximadamente 19 alunos por ano, o que no total de 865 alunos, obtemos 21,96% reprovados no total da pesquisa.

2.2.3 COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ALUNOS, OS REPROVADOS E/OU ABAIXO DA MÉDIA E OS APROVADOS.

A seguir teremos uma comparação entre os alunos aprovados, reprovados e os que conseguiram a aprovação, porém não obtiveram a média 6,0 na disciplina de matemática.



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

No total de 865 alunos, de acordo com o gráfico 3, 186 reprovaram em matemática nos anos de 1999 a 2008 e 378 reprovaram e/ou não alcançaram a média suficiente para a aprovação.

Na escola, de acordo com o regulamento, para os alunos conseguirem promoção para o ano seguinte, devem obter média 6,0. Porém, o conselho de classe, se o aluno atingiu média 5,0, pode aprová-lo para o ano seguinte.

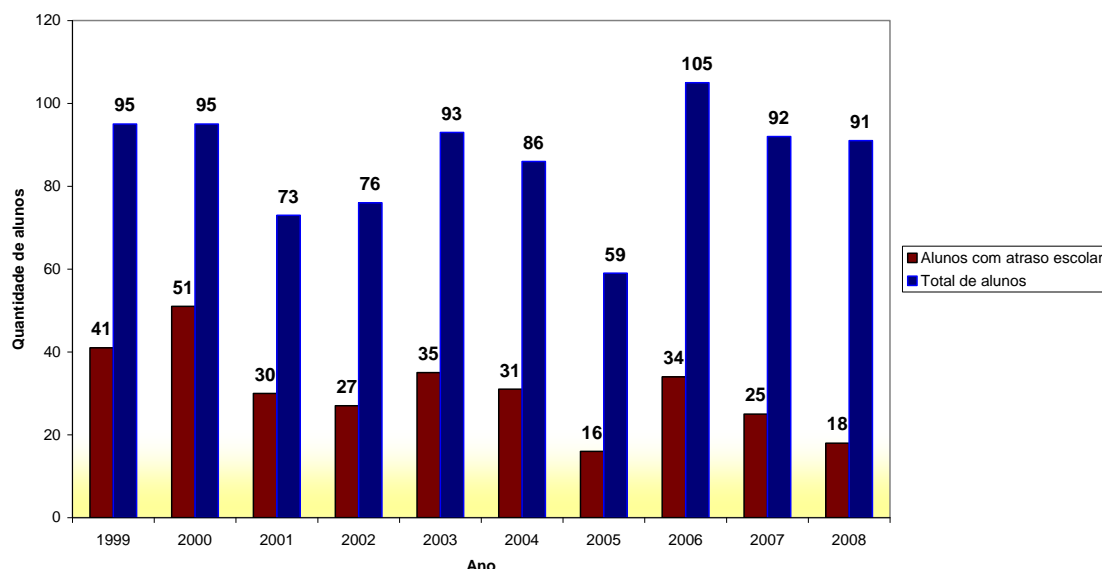
Então de acordo com o gráfico percebemos que além dos alunos serem aprovados correspondendo a 679, existe um outro fator que influencia ainda mais no fracasso escolar, pois o número de alunos reprovados foi de 186, o que significa que muitos não atingiram a média 5,0. Dos 378, como 186 reprovaram, temos que 192 mesmo aprovados não alcançaram a média. Isto mostra que o aluno ainda assim, conseguindo promoção, irá estudar no ano seguinte já com dificuldade, afinal alcançou pouco mais da metade do conhecimento oferecido.

Portando, dentro das estatísticas temos um número elevado de alunos que não consegue obter uma média razoável em matemática, atrelada à dificuldade relacionada a todos os aspectos estudados neste trabalho referentes ao capítulo 1.

2.2.4 ATRASO ESCOLAR

Os dados que constam no gráfico seguinte, nos revelam o número de alunos que tem 13 anos ou mais na 5ª série, o que representa um atraso escolar, sendo que a idade normal para freqüentar a 5ª série é abaixo de 12 anos.

Comparação dos alunos com atraso escolar e o total - Escola Básica Municipal José do Valle Pereira Florianópolis/SC (1999 a 2008)



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

Como podemos notar, o número de alunos com atraso escolar nesses dez anos analisados é significativo, pois o ano que menos obteve alunos com atraso escolar, foi em 2005 com 16 alunos fora da idade padrão para a 5ª série, ou seja, 27,11% já passaram por dificuldades em anos anteriores.

Já o pior ano em relação ao atraso escolar foi em 2000, com o número de 51 alunos com 13 anos ou mais num total de 95, mostrando que 53,68% estão em idade avançada para freqüentar a 5ª série.

No total de 865 alunos, 274 faziam parte do número de alunos com índice de atraso escolar, o que representa 31,67%.

De acordo com esses dados do gráfico, percebemos que o atraso escolar representa um problema de grande expressão, pela porcentagem

elevada de alunos atingidos pelas complexidades decorrentes do fracasso escolar. Neste caso, o aluno inicia o ano com um conteúdo parcial e experiências negativas no processo de ensino aprendizagem, criando uma situação em que, ano após ano, além de o aluno ter que enfrentar novamente os mesmos momentos de aprendizagem sem sucesso, o professor sente-se confuso em ter que resolver tantos casos diferentes que os alunos apresentam em decorrência do atraso escolar.

2.3 MOMENTO REFLEXÃO, SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NESTE CASO.

A análise de todos os aspectos vistos anteriormente demonstra que o fracasso escolar é um fato evidente. Claro que a maioria dos alunos não faz parte do percentual de reprovados, mas o que deve ser levado em consideração são os casos críticos, pois independentemente dos alunos aprovarem ou reprovarem são seres humanos com direitos iguais, características distintas, sonhos, ambições, enfim, pessoas que merecem atenções igualitárias. Sendo assim, não podemos dar atenção apenas para os que se dão bem na escola ou na sociedade e deixarmos de lado os que tem insucesso, casos em que acabam afetando nosso sistema de ensino, e consequentemente crianças que venham a ter problemas relacionados ao fracasso escolar passam a ter sua vida pessoal influenciada.

Em relação às turmas analisadas foi possível perceber algo que influencia muito no aprendizado dos alunos, que são os professores, pois de acordo com os gráficos podemos notar que existem anos em que a diferença

das médias finais são valores bem distintos das demais, que seguem um padrão. Com isso, analisamos o perfil dos professores, e percebemos que nos anos em que os alunos foram piores, eram professores que a maior parte dos alunos não gostava, reclamavam que o professor era muito rígido e que cobrava muito além das explicações, o que acaba atrapalhando o aprendizado, pois não podemos cobrar algo que não foi ensinado. Obviamente que não podemos analisar o conteúdo ministrado pelo “professor rígido”, estamos apenas colocando a opinião de alguns alunos.

CAPÍTULO 3

A OPINIÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE MATEMÁTICA NA 5ª SÉRIE

3.1 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE

Este questionário foi aplicado nas três turmas da 5ª série deste ano de 2009 na Escola José do Valle Pereira, visando analisar como está atualmente o pensamento dos alunos em relação à matemática e também algumas informações que utilizaremos para avaliar a quantidade de alunos repetentes e a dificuldade que eles apresentam ainda hoje em matemática. Logo em seguida será feita uma estatística das informações para ficar mais visível ao leitor os dados pesquisados. Segue abaixo o questionário aplicado:

QUESTIONÁRIO REFERENTE AO DESEMPENHO DO ALUNO EM MATEMÁTICA NA 5ª SÉRIE

Prezado aluno(a):

Este questionário tem como objetivo conhecer sua opinião sobre a disciplina de matemática durante a 5ª série. Sua opinião servirá para constar como pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, na faculdade de Matemática da UFSC, contribuindo para minha formação profissional. Por isso, suas respostas são muito importantes.

Lembre-se de que não é necessário colocar seu nome neste questionário. Agradeço sua colaboração.

1) Você tem dificuldade em aprender matemática?

() Sim

() Não

2) Qual seu nível de aprendizado em relação à matemática?

- ☐ Muito Bom
- ☐ Bom
- ☐ Regular
- ☐ Ruim
- ☐ Péssimo

3) Já reprovou em matemática na 5ª série?

- ☐ Sim ☐ Não

4) Você gosta de matemática?

- ☐ Sim ☐ Não

5) De todas as disciplinas, matemática é a que você sente mais dificuldade?

- ☐ Sim ☐ Não

3.2 ANÁLISE ESTATÍSTICA DO QUESTIONÁRIO

Abaixo temos um esboço das respostas dos alunos referentes ao questionário aplicado. De acordo com essas informações poderemos analisar o andamento da disciplina de matemática recentemente na Escola que estamos fazendo a pesquisa, entendendo melhor como anda a situação do fracasso escolar na 5ª série ultimamente.

Respostas ao Questionário!

Turma 51: 31 alunos

Questão 1: (10) Sim (21) Não

Questão 2: (2) Muito Bom
 (15) Bom
 (13) Regular
 (1) Ruim

() Péssimo

Questão 3: (4) Sim (27) Não

Questão 4: (23) Sim (8) Não

Questão 5: (7) Sim (24) Não

Turma 52: 28 alunos

Questão 1: (17) Sim (11) Não

Questão 2: (2) Muito Bom

(8) Bom

(15) Regular

(3) Ruim

() Péssimo

Questão 3: (6) Sim (22) Não

Questão 4: (15) Sim (13) Não

Questão 5: (13) Sim (15) Não

Turma 53: 25 alunos

Questão 1: (16) Sim (9) Não

Questão 2: (1) Muito Bom

(10) Bom

(6) Regular

(7) Ruim

(1) Péssimo

Questão 3: (6) Sim (19) Não

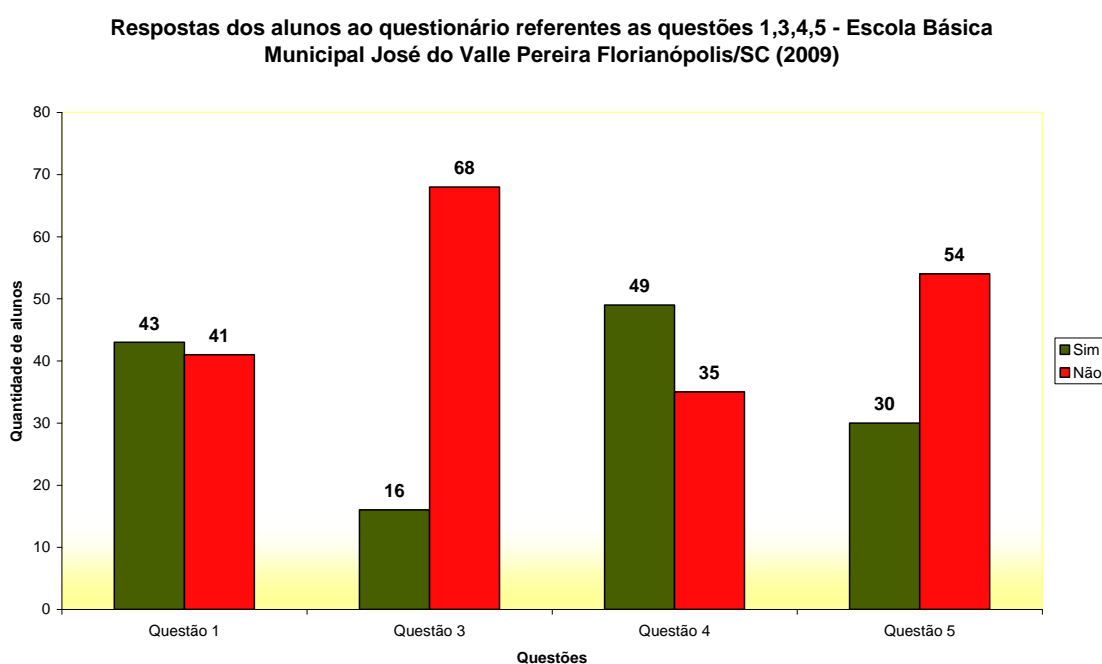
Questão 4: (11) Sim (14) Não

Questão 5: (10) Sim (15) Não

Obs: Os números entre parênteses representam a quantidade de alunos que responderam a questão. Temos então um total de 84 alunos.

3.2.1 ANALISANDO A OPINIÃO DOS ALUNOS

Este gráfico mostra as respostas dos alunos referentes às quatro questões cujas alternativas são sim e não. Portanto, veremos a opinião dos alunos das três turmas pesquisadas em relação à disciplina de matemática na 5ª série.



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

Como podemos observar a partir do gráfico, na questão 1 tivemos 43 alunos que responderam sim e 41 que não. A pergunta era se eles tinham dificuldade em aprender matemática, então num total de 84 alunos pesquisados temos que 51,19% apresentam algum problema com a matemática, sendo isto na maioria dos casos, o que é um dado muito claro, pois na realidade é o que observamos em salas de aula.

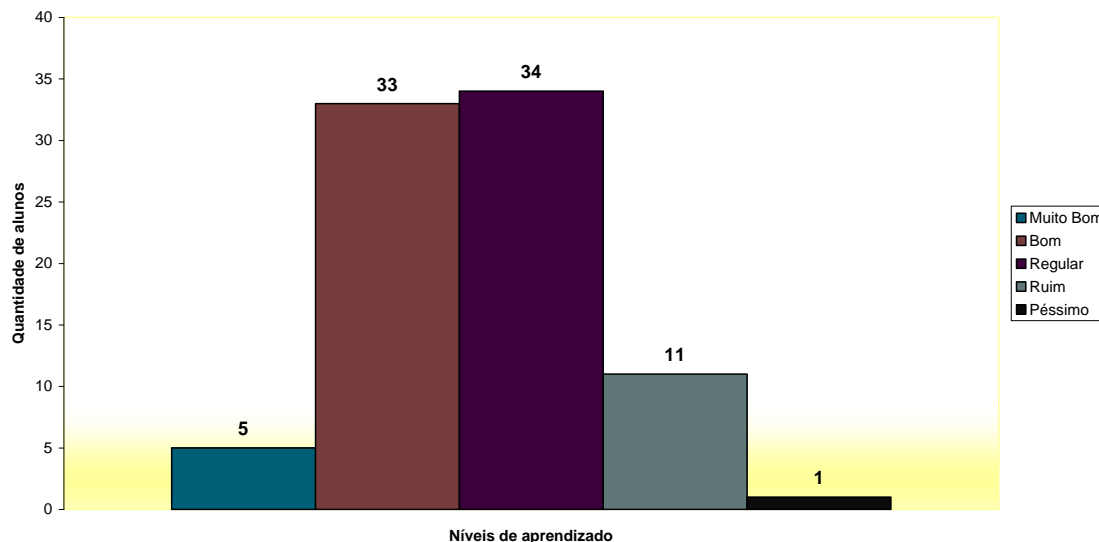
Já na questão 3, cuja pergunta era se o aluno reprovou em matemática na 5ª série ou não, observamos que 19,04% estão cursando a 5ª série novamente porque reprovaram em matemática no ano passado. Um fato que acaba contribuindo para o fracasso, pois o aluno já vem desmotivado e desinteressado do ano anterior e muitas vezes entra para o número das estatísticas da evasão escolar.

Na questão 4 temos um dado curioso, onde foi perguntado se os alunos gostavam de matemática e a maioria respondeu que sim, sendo 58,33%. Porém é concreto dizer que os alunos que não gostam de matemática fazem parte de um grande número obtendo 41,66%, o que acaba afetando muitas vezes no processo de ensino aprendizagem, pois o aluno não gostando da disciplina é como se fosse criada uma “barreira” que impede que ele aprenda e consiga resolver os problemas propostos pelo professor.

3.2.2 ANÁLISE DO NÍVEL DE APRENDIZADO

No gráfico a seguir temos a opinião dos alunos relacionada ao nível de aprendizado na disciplina de matemática lecionada para a 5ª série. As alternativas referentes à questão 2 são: muito bom, bom, regular, ruim ou péssimo, para que o aluno informe em qual delas se encaixa, revelando então o que procuramos com esta pesquisa.

Nível de aprendizado dos alunos em relação à matemática, referente à questão 2 aplicada no questionário - Escola Básica Municipal José do Valle Pereira Florianópolis/SC (2009)



Fonte de dados: Arquivos e documentos da Escola Básica Municipal José do Valle Pereira – Florianópolis/SC.

Notamos então de acordo com o gráfico, que os alunos classificam o seu nível de aprendizado em sua maioria como regular, o que reflete um descontentamento com relação ao processo ensino aprendizagem, mostrando que alguma coisa há de errado. Isso nos mostra um valor equivalente a 40,47% dos alunos insatisfeitos com a sua forma de aprender e despertar o seu interesse pela matemática.

Outros consideram que é bom o seu nível de aprendizado, representando 39,28% dos alunos pesquisados. Então de acordo com os dados do parágrafo acima, percebemos que a opinião está bem dividida entre os níveis “bom e regular”, porém temos um aluno a mais que diz ser regular o seu nível de aprendizado.

Analisando ainda o gráfico, podemos perceber uma quantidade de alunos significativa, que respondeu assinalando o item ruim referindo-se ao nível de aprendizado que se encaixava. Em números temos 13,09% dos alunos descontentes em relação ao modo de como assimilam o conteúdo matemático.

Poucos alunos responderam que consideram seu nível de aprendizado muito bom, representando apenas 5,85% dos alunos pesquisados.

Há também um valor discrepante, porém que deve ser levado em consideração, uma vez que a resposta de apenas um aluno que respondeu relacionando o seu nível de aprendizado péssimo, pois já se mostra uma evidente causa do fracasso escolar, provinda de uma desmotivação ou outro problema que o aluno está passando, dificultando as condições de aprender o que está sendo ensinado.

Encerrando esta pesquisa e o capítulo 3, pude perceber que a matemática ainda é “um grande desafio na vida dos alunos”, onde muitos não gostam, outros repetem e assim por diante. São dados que contribuem não somente para esta pesquisa, mas para minha experiência como professor, que desde já começarei a repensar o modo de como devo prosseguir em minha carreira docente, tentando repassar da melhor forma possível o conteúdo, sem esquecer de dar a devida atenção que os alunos necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a todos os argumentos apresentados neste trabalho, podemos notar que o nosso sistema de ensino está passando por dificuldades, tendo em vista que o fracasso escolar ainda é um dos principais fatores que acabam prejudicando a educação.

Como o objetivo do trabalho foi analisar especificamente a situação numa escola da rede municipal de Florianópolis, através das estatísticas percebemos casos em que o fracasso é evidente. Apesar de não afetar a maior parte dos alunos, o problema ainda é grave, pois os que fracassam, acabam desistindo de estudar, aumentando o número da evasão escolar, que é consequência do problema em estudo. Percebemos então que um problema gera outro, o que mesmo afetando a minoria, desvaloriza cada vez mais a educação e aumenta consideravelmente a quantidade de jovens que não conseguem concluir os ensinos fundamental e médio.

Esta pesquisa serviu de experiência tanto para minha carreira quanto para a minha vida. Além de todo o “levantamento estatístico” abordado neste trabalho, convivi com este problema no ano em que lecionei matemática nesta mesma escola. Tal fato que me levou a despertar o interesse por este assunto, para enfim compreender por que tantas crianças vão mal na escola, e principalmente na disciplina de matemática.

Portanto considero o fracasso escolar um problema que não há somente um culpado, pois tanto os alunos, a família, o professor, quanto os órgãos do nosso sistema educacional tem uma parcela de culpa. Todavia nenhum deles

aceita inteiramente o papel de responsável, analisando os fatores decorrentes desta pesquisa.

Apesar de esta análise estar voltada mais para a escola José do Valle Pereira, em muitas instituições de ensino o problema se repete, afinal a nossa realidade nos mostra reflexos que encaixam perfeitamente nos dados aqui expostos.

São inúmeros os fatores que levam o aluno a não aprender, dentre eles, fatores sociais e psicológicos. Eles são muito carentes, a maioria dos pais não dispõe de condições de atendimento aos filhos, e muitas vezes, a própria escola não é um ambiente agradável ao aluno.

É preciso que os docentes reflitam sobre a sua concepção de que o baixo rendimento escolar é causado, exclusivamente, por fatores extra-escolares, ou seja, que o aluno é responsável pelo seu mau desempenho escolar, porque é doente, pobre ou porque vem de uma família "desequilibrada". Além disso, é necessário que os professores reflitam sobre a sua prática diante da problemática do fracasso escolar e sobre as implicações ideológicas desta prática, e que pensem sobre a possibilidade de estarem valorizando uma parcela da população que, normalmente, não se insere no modelo de indivíduo valorizado pela sociedade.

Sugestões? Existem muitas, porém em minha opinião só falta colocá-las em prática; dentre outras, o governo valorizando mais os professores, pode levá-los a trabalhar com afinco e qualidade, de modo que os alunos sentir-se-ão motivados e poderão despertar seu lado cognitivo com maior liberdade e intensidade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (Org) **Erro e Fracasso na Escola: alternativas teórico práticas**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1998. p. 73-79

ARQUIVOS E DOCUMENTOS da **Escola Básica Municipal José do Valle Pereira**, levantamento de 1999 a 2008 – Florianópolis/SC

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como Tratá-las?** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska de. **A vida na escola e a escola da vida**. 11ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

COELHO, Ana silva Borges figueiral. **O fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagem**. Publicado pela Associação Brasileira de dislexia. São Paulo.

COLLARES, C. A. L. **Ajudando a Desmitificar o Fracasso Escolar**. São Paulo: F. D. E., Caderno Idéias no 6, 1989, pp. 24-28.

COSTA, Dóris Anita Freire. **Fracasso escolar: diferença ou deficiência**. Porto Alegre: Kuaarup, 1993.

FERNANDES, PRISCILA VALVERDE. **Fracasso escolar: realidade ou produção?** Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar Centro de Estudos Sobre Intolerância - Maurício Tragtenberg. Disponível na internet em: <http://www.urutagua.uem.br//006/06fernandes.htm>. Acesso em Maio de 2009.

FERNANDEZ, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 17, n. 7/8, p. 693-708, jul./ago. 2007. **As concepções do Fracasso Escolar** 695. Disponível na internet em: <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/352/290>. Acesso em Maio de 2009.

GOTTARDO, EDELAR C. Revista eletrônica Agora, **Fracasso Escolar: Família x Escola**. Ano 01 – nº 02 – junho de 2006 – ISSN 18094589 P. 52 a 57.

Disponível na internet em: <http://www.ceedo.com.br/agora/edelarfracassoescolar.pdf>. Acesso em Junho de 2009.

MEIRA, M.C. **Fracasso escolar: de quem é a culpa?** Disponível em: <http://www.divinópolis.uemg.br/revista-eletronica/artigo_12-3.htm>. Acesso em: jun. 2009.

NOSAKI, I; DIAS, T. L. FERREIRA, A. C. **Fracasso Escolar e a Exclusão Social**. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ver9/fracasso_escolar_e_exclusao_soci.htm>. Acesso em: nov. 2003.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

POLI, Solange Maria Alves. **Aceleração da Aprendizagem: desnudando a ferida social do fracasso escolar**. Revista Pedagógica da UNOESC. v. 1, n. 2, p. 9-24, 1999.

PAULA, VALDERLY M. DOS SANTOS RODRIGUES DE. **Fracasso Escolar: Quem, são os culpados?** Disponível em: <http://www.sciencult.uems.br/trabalhos/Valderly-Maria-dos-Santos1.doc>. Acesso em: jun 2009.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar, o Problema Escolar e de Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17ª ed, São Paulo: Ática, 1986.

Szymanski, Heloísa. **A relação família/escola – desafios e perspectivas**. Brasília: Ed. Plano, 2001.

VASCONCELOS, V.; VALSINER, J. M. R. **Perspectivas co-construtivistas na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

WALKERDINE, Valerie. **Diferença, cognição e educação matemática**. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, UNISINOS, v.3, n.4, p.7-19, 1999.

ZANELLA, L. **Aprendizagem: uma introdução**. In: ROSA, J. de La. Psicologia e educação: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.